



Velhacine | Interfaces da Lusofonia | 7, 14, 21 e 28 JULHO, 21h30 | Entrada livre

São fragmentos visuais de uma lusofonia que se quer diferença. No âmbito do congresso internacional *Interfaces da Lusofonia*, organizado pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre 4 e 6 de Julho na Universidade do Minho, a Velha-a-Branca projeta longas e curtas-metragens que contam, através de imagens, em vários dialetos e com diversas pronúncias, as histórias de uma lusofonia que se tem vindo a reconstruir com fados e bossa nova, o rio Douro e os piscares de olhos à filmografia de Eisenstein, os sons da capital portuguesa, os versos de Fernando Pessoa e o novo cinema alemão, os cantares dos pescadores e o trabalho etnográfico francês, as lendas do sebastianismo, as manipulações da promoção turística ou ainda os documentos ficcionais de um Agosto com sotaque emigrante. | Programadora-Convidada: Maria da Luz Correia | Mais informações: <http://www.velha.org/>.

7 JULHO | 21h30

(Apresentação do ciclo pela programadora, Maria da Luz Correia e debate com o produtor de *Fados*, Ivan Dias)

***Douro, Faina Fluvial*, Manoel de Oliveira, 1931**

É o primeiro filme de Manoel de Oliveira, realizador pioneiro a lançar as coordenadas do cinema lusófono no mapa do mundo. A direção desta curta-metragem, realizada nas vésperas da instalação do Estado Novo em Portugal, é a zona ribeirinha do Porto, cidade natal do cineasta, à qual este dedica um breve retrato neo-realista.

***Fados*, Carlos Saura, 2007**

É um dos filmes da trilogia musical de Carlos Saura. Depois de *Tango* e antes de *Flamenco Flamenco*, a longa-metragem do cineasta espanhol é dedicada às polifonias lusófonas. Ainda antes do fado, música tradicional portuguesa, ser considerado património mundial da humanidade, o cineasta espanhol presta homenagem à mestiçagem musical lusófona, feita de raízes europeias, africanas e sul-americanas, convidando para o seu documentário intérpretes como Mariza e Camané, Chico Buarque e Caetano Veloso, Lura e Lila Downs. Sob direção musical de Carlos do Carmo, o documentário tem como fundo a cidade de Lisboa.

14 JULHO | 21h30

***Alar da Rede*, Michel Giacometti, 1962**

É um breve documentário rodado no mar, a bordo da Nicete, uma traineira do porto de Portimão, cidade algarvia. As vozes, os cantares e as imagens ondulantes desta curta-metragem, recolhidos pelo etnólogo francês Michel Giacometti (com a colaboração do compositor português Fernando Lopes Graça), constituem o primeiro episódio de uma série etnográfica para a RTP que não viria a ter continuidade, por razões financeiras.

***Lisbon Story*, Wim Wenders, 1994**

Depois de *The State of Things*, Wenders volta a Lisboa para filmar os silêncios e os ruídos de uma cidade fugidia, cujas visões custariam a coincidir com os registos. Quando recebe um postal de Lisboa do seu amigo e realizador Friedrich Monroe, o engenheiro de som Philip Winter viaja de Frankfurt para a capital portuguesa para ajudá-lo a avançar com a rodagem do seu projeto documental. Mas, ao chegar a Lisboa, Philip apenas encontra material de trabalho abandonado, algumas crianças, o grupo musical Madredeus, e versos de Fernando Pessoa.

21 JULHO | 21h30

***Portugal The beauty of simplicity*, Turismo de Portugal, 2012**

É um vídeo promocional turístico, produzido pela Krypton Filmes, para o Turismo de Portugal. Premiado internacionalmente, e nomeadamente vencedor do Golfinho de Prata na secção do festival de Cannes, Cannes Corporate Media & TV Awards 2012 (categoria Promoção Turística), esta curta-metragem também tem dado que falar pelas táticas de manipulação da imagem nela usadas.

***O Quinto Império Ontem como Hoje*, Manoel de Oliveira, 2004**

Partindo da peça *El-Rei Sebastião* de José Régio, Manoel de Oliveira abre a cortina sobre o mundo de um recriança e de um homem-mito da história portuguesa. D. Sebastião, que lança o seu exército na estrondosa derrota de Alcácer Quibir (1578), não tendo sido encontrado depois de morto, tornou-se o *Encoberto*, aquele que haveria de voltar numa manhã de nevoeiro. A ação narrativa é atravessada pelo eco dos sermões do Padre António Vieira, das profecias do sapateiro Gonçalo Annes Bandarra, dos poemas de Fernando Pessoa...

28 JULHO, 21h30

***Aquele querido mês de Agosto*, Miguel Gomes, 2008**

Híbrido de documentário e ficção, esta longa-metragem de Miguel Gomes, que integrou em 2008 a 40ª edição da Quinzena de Realizadores do Festival de Cannes em 2008, é um novo ponto cardeal não só na cartografia do cinema português como na geografia das visões lusófonas. Uma equipa de filmagem encontra-se numa zona rural do interior português durante o Verão, onde se reúnem emigrantes portugueses de férias, num ambiente festivo, de encontros e reencontros, de romarias e de música popular... A ideia era filmar uma ficção, contratando atores, mas o subsídio do ICA não chega e a equipa de rodagem vai-se divertindo, improvisando registos, e inventando pequenas histórias, que se desenrolam numa sequência não linear. No meio destas, o enlace entre dois adolescentes cantores numa banda de música popular acaba por ir tomando as rédeas do filme. Lembrando um pouco a restauração do inacabado *D. Quixote de Orson Welles*, este é um filme sobre um filme que não fez.

SOBRE A PROGRAMADORA-CONVIDADA

Maria da Luz Correia estuda cultura visual na Universidade do Minho, em Braga, e na Université Paris V – Sorbonne, em Paris. Prepara uma tese de doutoramento, na qual analisa o feixe de relações entre media como o postal ilustrado, a fotografia e o cinema e as práticas de recreação dos últimos dois séculos, realizadas quotidianamente por anónimos ou elaboradas por artistas reconhecidos por instituições museológicas. Foi jornalista em Lisboa durante alguns meses, e escreve pontualmente sobre cinema na publicação digital *Rascunho* e na revista trimestral *Latitudes Cahiers Lusophones*.

SOBRE O VELHACINE

A cada mês um convidado diferente dá o mote a mais um ciclo de cinema do Velhacine e escolhe os filmes que serão exibidos. Durante o ciclo, há sempre uma sessão de Cinema Falado a cargo do programador do mês. Entrada Gratuita. Apoio: Cineclube de Guimarães.

SOBRE A VELHA-A-BRANCA | Largo da Senhora-a-Branca, 23, 4710-433 BRAGA PT

A Velha-a-Branca é uma cooperativa cultural independente e sem fins lucrativos situada no centro histórico de Braga e gerida por uma equipa de voluntários não remunerados. A Velha abriu portas em Outubro de 2004 com o objetivo de promover a criação e a divulgação artística e cultural. Todos os dias é possível assistir às mais variadas atividades (conversas, lançamentos de livros, sessões de poesia, concertos, semanas temáticas, etc), visitar exposições (fotografia, pintura, escultura, etc) e frequentar cursos sobre as mais diversas temáticas. A Velha gere atualmente um edifício do séc. XVIII, dispendo de várias salas e uma cafetaria de apoio. A estreita fachada esconde um extenso e surpreendente jardim em patamares que termina num miradouro com uma interessante vista sobre a cidade.